

As boas mulheres da china: vozes ocultas

Janete Oliveira

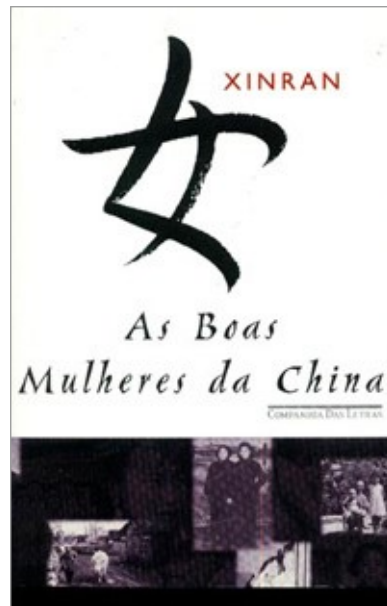
Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação Social da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A China hoje é saudada como uma potência, um achado que conseguiu aliar capitalismo e comunismo com êxito. No entanto, o livro “As boas mulheres da China” tenta refletir um pouco sobre a vida das mulheres chinesas e como é olhar feminino. Ao entrevistar mulheres e discutir suas questões através de um programa de rádio, a jornalista Xinran desvela uma outra China que não está nos noticiários.

Abstract

China is saluted today as a potency, a formula that succeeded in associate capitalism and communism successfully. However, the book “The good women of China” tries to reflect a little about the Chinese women’s lives and how the womens’s look is. Interviewing women and discussing their questions through a radio show, the journalist Xinnan reveals another China that is not on the news.



A China depois de um longo período de “reclusão” internacional – por conta da Revolução cultural e do isolacionismo comunista – tem se tornado na última década “a menina dos olhos” da economia mundial. Seu crescimento excepcional e o capital acumulado para investimento são cobiçados por vários países do ocidente. É um país de grandes dimensões e população e permite ainda uma projeção positiva de crescimento de consumo, o que aguça os interesses estrangeiros. A rápida modernização por que passaram as cidades de Xangai e Pequim criou aos olhos ocidentais um estereótipo similar ao do Japão de alguns anos atrás: tecnologia e tradição juntas em um só pacote.

Contudo, essa China que hoje aparece nas revistas e jornais é uma nação vista somente no seu aspecto economicamente interessante, uma visão parcial de um país que só é moderno aos olhos ocidentais, mas que esconde rotinas cotidianas que remontam quase à era feudal. Na contramão desse olhar de uma China com tecnologia e comportamento atualizados encontramos o livro da jornalista Xinran que durante oito anos apresentou um programa de rádio no país intitulado “Palavras na brisa noturna” que se propunha a discutir os problemas e questões da mulher chinesa. Durante este período (1989 a 1997) Xinran entrevistou vários tipos de mulheres: das mais novas (já incorporadas à nova mentalidade pós-moderna capitalista à chinesa) até as mais velhas que suportaram as agruras e violências dos processos revolucionários chineses. Mulheres de várias condições sociais que lhe proporcionaram uma visão dos diversos sentimentos e emoções femininas ao longo da história recente da China e resultou no livro “As boas mulheres da China”.

Apenas quatros meses depois de ter começado o seu programa de rádio que, a princípio, visava apenas colher a participação dos ouvintes em geral em relação ao cotidiano. Tendo o programa alta receptividade, Xinran recebe uma

carta com a denúncia de que uma jovem está recebendo maus tratos em uma vila no interior e corre risco de vida. Ao socorrer a jovem a jornalista percebe que o mundo que cerca a vida das chinesas é muito complexo e seu interesse em descobrir mais sobre ele aumenta. Xinran se põe uma questão: “Quanto valia, exatamente, a vida de uma mulher na China?” (p. 17).

A partir desse ponto somos levados a percorrer esse mundo feminino que, ao contrário de um estudo antropológico que mostraria a parte teórica do papel da mulher na sociedade chinesa, a jornalista nos faz percorrer a história emocional dessas mulheres. Não entra em detalhes históricos da China, apenas deixa claro a marca que aqueles acontecimentos deixaram, como isso transparece, qual seria de fato o imaginário da mulher chinesa para os homens através dos seus atos e até para as próprias chinesas.

Segundo Confúcio, uma mulher não ter talento é uma virtude, ou seja, a mulher não é mais que um mero instrumento de uso masculino, esse conceito pode ser perfeitamente percebido através das histórias contadas por Xinran.

Primeiramente temos a história da criança que era constantemente estuprada pelo pai e, não encontrando apoio na mãe, o único lugar onde estava a salvo era no hospital. Por isso constantemente ficava doente e lá encontra consolo e felicidade ao cuidar de um filhote de mosca e sentir carinho no toque de suas pequenas patas.

Ao tentar confrontar o pensamento das universitárias, a jornalista procura uma voz influente dentro da universidade somente para descobrir que mesmo as mulheres ditas mais “modernas” também eram como instrumentos para os homens. No entanto, no caso das universitárias, elas se comportavam como suas “secretárias particulares” conscientes de seu papel “executivo” e tentavam apenas extrair o máximo de vantagens econômicas sem se envolver emocionalmente sabendo que os maridos jamais deixariam as esposas por elas. Ferramentas frias do novo modo de vida capitalista chinês.

Xinran encontra também a figura da catadora de lixo que, a despeito das demais, exhibe maneiras mais sofisticadas porque só está ali para ver diariamente o filho de cuja vida sua presença foi alijada. Quando mais nova o marido morre prematuramente juntamente com um dos dois filhos e, após pensar em suicídio, ela faz tudo o que uma viúva pode para criar o único filho que lhe restara. Este tem sucesso na vida, mas a mãe permanece fora de sua vida.

Deparamos, por exemplo, com a história das mães de uma aldeia, que após perderem vários entes queridos em um terremoto criam um orfanato. Mas, cada uma destas mães guarda lembranças mais dolorosas até do que o terror do desastre natural. Como, por exemplo, a mãe que teve a filha estuprada coletivamente por homens que se aproveitaram da situação indefesa da menina após o terremoto. Após o incidente a moça enlouquece e se mata. Ou então a história da menina que ficou 14 dias presa entre blocos de cimento para, finalmente, morrer cantando nos braços da mãe.

Xinran também nos leva pelo pensamento acerca da religião das chinesas que apresenta um sincretismo dependendo do pensamento religioso da moda. A única real lealdade é para com o Partido e suas crenças. E, entre estas crenças está a da proibição de relação entre pessoas do mesmo sexo, então ela nos conta sobre “a mulher que amava as mulheres” e por Xinran ter mostrado compreender sua condição através de uma resposta pelo rádio, ela pensou que a jornalista a amava, procurou-a e contou sua história. Depois de frustrado por não ter um filho, o pai da menina a criou como um menino e, depois de estuprada por um grupo de homens, passou definitivamente a abominar o contato com o sexo oposto e apaixonou-se por uma ativista homossexual que lhe ensinou sobre os prazeres da sexualidade.

Temos ainda várias outras histórias como a da mulher que, sendo membro do Partido teve como “missão” casar-se com um dos seus importantes membros e não ser mais do que uma figura decorativa para ele e os filhos. Ou então a da filha de um general da facção de Chan-Kai-Chek que, considerado traidor na época da Revolução, enlouquece e, os homens aproveitando-se dessa fraqueza a estupram seguidamente até que a família a encontre em um estado de quase catatonia.

A própria Xinran relembra seus momentos difíceis na infância também presa em campos de “reeducação” ao lado das histórias de outras mulheres que eram forçadas a executarem “tarefas” em nome do Partido e da Revolução para libertarem entes queridos que, ao saberem pelo que a família tinha passado às vezes não agüentavam e perdiam a razão ou tiravam a própria vida.

E, finalmente, o motivo pelo qual Xinran deixa a China e muda-se para Londres: a Colina dos Gritos. Uma comunidade onde as pessoas não têm casas e moram em cavernas, não há fogão ou panelas, a comida é escassa, não há roupas para as meninas, a maioria das mulheres têm útero caído e utiliza folhas no período menstrual causando-lhes feridas nas coxas. Após testemunhar a vida daquelas mulheres, a jornalista vai para a capital inglesa para conhecer outra realidade para as mulheres e, ao perceber que o imaginário chinês diferiria em muito daquele que conhecia resolve escrever o livro contando sobre as mulheres por ela entrevistadas e sobre as experiências no programa de rádio. Tentando responder as perguntas que a universitária lhe propôs quando se encontraram: “Qual é a filosofia das mulheres? O que é a felicidade para uma mulher? E o que faz uma boa mulher?” (p. 56)

Talvez não se tenha ainda como responder estas perguntas uma vez que o livro da jornalista é um relato emocional e não científico. De qualquer forma, o texto deixa claro que tanto de um lado como de outro a mulher sempre perde: no lado camponês (que teoricamente seria o lado beneficiado pela Revolução) a ignorância e o preconceito contra o feminino ainda prevalecem e no lado burguês só existe a revolta que geraram processos de “reeducação” dolorosos que, por sua vez, reprimiram sentimentos tornando as pessoas frias e desiludidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

XINRAN. *As boas mulheres da China: vozes ocultas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.